

ANTÔNIO CARLOS MACHADO

N A S C U N T U R
P O E T A E

RIO DE JANEIRO

1944

ANTÔNIO CARLOS MACHADO

N A S C U N T U R
P O E T A E

RIO DE JANEIRO

1944

Lugo Ramires

NASCUNTUR
POETAE

ANTÔNIO CARLOS MACHADO

NASCUNTUR
POETAE

Conferência realizada na sede
da Federação das Academias
de Letras do Brasil (Rio de
Janeiro) a 11 de setembro
de 1943.

RIO DE JANEIRO
1944

Rio de Janeiro, 21 de Setembro de 1943.

Jovem e presado patrício:

Antônio Carlos Machado

Saudações cordiais:

Cumpro, com particular agrado e grande entusiasmo, o dever de agradecer-lhe a solicitude com que atendeu ao convite que, na qualidade de Presidente da FEDERAÇÃO DAS ACADEMIAS DE LETRAS DO BRASIL, lhe fiz para nêsse sodalício dissertar sôbre Alcêu Vamósi.

Felicito-me por lhe haver proporcionado a oportunidade de revelar, perante um auditório seleta, a fôrça e o brilho de sua cultura, no elogio do primoroso poeta sul-riograndense, que é uma das altas glórias da musa brasílica. . . . Foi dêsse modo solenizado o primeiro vin-tênio do passamento do inolvidável cantôr de "TERRA VIRGEM", que merece homenagem

ANTÔNIO CARLOS MACHADO

de maior extensão no próximo ano de 1945, quando transcorrer o cincoentenário de seu natalício.

A publicação de sua conferência, meu jovem confrade, terá duas significações: marcará o início das comemorações daquela data e despertará atenções sobre a personalidade do grande e malogrado poeta, que estreiou vitórias com "FLÂMULAS" aos 18 anos de idade e teve sua consagração no livro póstumo "COROA DE SONHOS".

Parece-me, e fica aqui como uma sugestão, que para dar maior brilho às solenidades em 1945, seja publicada a obra completa de Vamósi, com estudos críticos, para que, amanhã o Brasil inteiro, como hoje o Rio Grande, conheça, sinta, compreenda e se delicie com a musa peregrina desse cantor maravilhoso.

Do confrade e admirador,

(a) General Souza Doca.

Poeta que primou pela sinceridade dos seus sentimentos, que teve, em grau eminente, o senso ático da Beleza, que compreendeu a Arte como o suprasumo das emoções humanas, Alcêu Vamósi cumpriu um destino singular nos caminhos cruzados da poesia

Exmo. Sr. Presidente da Federação das
Academias de Letras do Brasil,

Meus Senhores,

Excelentíssimas Senhoras:

Este é um momento de saudoso retrospecto e comovida evocação, em que prestamos sentido tributo à memória, digna de militante devoção e ante a qual nos inclinamos em admirada reverência, daquele que foi no extremo-sul culminação fulgurante da poesia decadista: Alcêu Vamósi, o pranteado lírico, dos maiores que já produziu a sensibilidade humana em matéria de estesia pura e cujo nome já se gravou, enastrado de loiros, no panteão das letras pátrias.

O inolvidável citaredo, esteta de raça, igual aos que mais o forem, a quem uma sentença irrecorrível do destino, rematando impressivo fadário, frustou o passo em longin-

qua manhã pampeana ,atroada de acentos bélicos, riscou como um estranho meteóro os páramos azuis do simbolismo, deixando neles um rastilho de luz que ainda hoje, vingados dois decênios do dramático desenlace, irradia magnetizante cintilação. O lirismo vamosiano marcou alguma cousa de muito singular nos anais da poética brasileira, e, transcendendo limitações de tempo e espaço, projetou-se solaramente através de um e outro com a força apolinica do próprio predestino.

Precedeu-me nesta tribuna uma voz cheia de envolventes reminiscências, uma voz que, por estirado período, se confundiu com a do mavioso bardo de Uruguaiana em inesquecíveis colóquios de mutua simpatia espiritual e reciproca compreensão de alma. Egresso dos idos memoráveis em que Pôrto Alegre oferecia aos poetas e seresteiros notivagos o abrigo-refúgio de um velho logradouro — a Praça da Harmonia — menos encantador, sem dúvida, do que os bosques de Paris e os parques de Bruges, tão do agrado dos simbolistas franceses e flamengos, mas, como eles, cheio de

sortilégios e propício às noitadas boemias, De Sousa Junior, lídimo expoente da intelectualidade pagueana, foi, em significativa alocução, o interprete autorizado daquela indeslembra-vel, festejada e admirabilíssima geração de cantores como Dionélio Machado, Waldemar de Vasconcelos, Décio Coimbra, Almir Alves, Herminio de Freitas e João Santana, que assistiu entre calorosos gabos e evoés o advento, desde logo brilhantíssimo, do suave rimador de “Corôa de Sonho”, cujo traspasse prematuro suscitou em todo o Rio Grande do Sul funda consternação. As palavras que ouvís são as de um moço nascido em 1916, isto é, na encruzilhada de duas gerações. São palavras, pois, de quem pertence pela idade e pelo espírito à mocidade intelectual do após-guerra exatamente a mocidade que traída, hoje, em seus ideais mais caros, inflete para o perigoso atalho da descrença. Não estão muito longe os primeiros passos que a geração à qual pertenço arriscou, tímida e vacilante, na trilha nem sempre florida das belas-letas. O Rio Grande do Sul era então um viveiro de inteli-

gências recém-despertadas, muitas das quais já tinham vencido galhardamente a fase de latência ou incubação.

Autores novos e da velha guarda, integrados no ambiente natal, fixavam a sua atenção nas cousas genuinamente pagueanas, tendo em torno delas obras densas e, não raro, transbordantes de seiva, como as de Alcides Maia e Roque Calage, que em qualquer tempo provocarão interesse, pois fundamentais no gênero.

Muitos daqueles belettristas como Alcides Maia, mestre querido, cuja glória é também uma glória rio-grandense, Roque Calage, alma de eleição, que paira como nome tutelar sobre as letras gaúchas, Vargas Neto, menestrel crioulo de fina dotação, Darcí Azambuja e João Fontoura, narradores de "causos" palpitantes de colorido e sabor gauchistas e Homero Prates, regionalista de escol, eram popularíssimos e a circulação dos seus escritos correspondia, de resto, a uma exigência do público legente, cujo amor pelos tipos, hábitos e ambientes do Estado se manifestava tanto na Rua da Práia como no mais afastado rincão

da campanha. Por tão fecunda altura, verdadeira de ouro, da literatura estremenha, a mocidade literária que presumo representar estava ainda nos bancos preparatorianos, às voltas com prosaicos e por vezes enfadonhos compêndios F. T. D., mas já inclinada aos livros extra-didáticos, que devorava com avidez e sofreguidão nos entretempos cautelosamente subtraídos ao dilatado horário das aulas ou nas entrepausas das férias. Era uma mocidade bibliolatra, ardente, inquieta, sonhadora, ávida de horizontes mentais e susceptível à todas as idéias. Foi assim que desordenadamente e sem nenhum critério seletivo ou preferencial, lemos e relemos os poetas de transição como Lobo da Costa, Zeferino Brasil e Fontoura Xavier; os poetas do Alto da Bronze, retiro predileto do grande Pedro Velho, tão bem cantado por Átos Damasceno Ferreira, naquele poema ungido de saudade e enovelado de recordos:

*"Na praça deserta
as árvores velhas se encolhem na sombra..."*

os poetas do Alto da Caridade, dos cemitérios da Azenha e das alamedas sonolentas da Varzea, como Eduardo Guimarães, o laureado facetador de "Divina Quimera", Antonius Alvaro Moreira, Homéro Prates, José Picoreli, Fabio de Barros e Felipe de Oliveira, este bizarro predestinado da arte versificatória, aedo de grandes surtos, delicado e emotivo, cuja hiperestesia legou-nos as páginas arebatadoras de "Vida Extinta" e os poetas de filiação post-romantica, parnasianos, decadentes, impressionistas, ante-modernos, do tomo de Marcelo Gama, artista de bom talho, autor de "Via Sacra" e "Noite de Insônia", Mansueto Bernardi, o burilador de "Terra Convalescente", André Carrazoni, Átos Damasceno Ferreira, Leal de Sousa, Emilio Kemp, Coelho da Costa e tantissimos outros. Perdoe-se-me a digressão. Fi-la não para aviventar recordações que me são particularmente gratas, mas com o propósito de destacar algumas das proeminentes figuras, sob cujo influxo se entreabriu e floresceu a vocação beletristica da minha geração. Não seria difícil indicar en-

tre os livros que mais amamos, então, os voluminhos, hoje raros e de difícil aquisição, através dos quais Alcêu Vamósi afirmou vigorosamente a sua impressionativa hipersensibilidade.

Correram precisamente duas décadas desde que o primoroso criador de "Duas Almas" mergulhou no mistério da eternidade e a comovente beleza dos seus cantos, entretecidos de suavísimos sentimentos, continua a deslumbrar os corações abertos às sugestões da sublime arte. Se nos dias atuais os versos de Alcêu Vamósi fazem pulsar as almas capazes de compreender o Belo, qual não seria o seu poder de sedução há uns dez anos atrás, quando o exercício da palavra rimada conferia uma aureola de superioridade aos eleitos das Musas. O encontro do simbolismo com o multiforme versilibrismo gerou no Rio Grande do Sul um estado de certa confusão espiritual, propício aos mais exóticos e pedantêscos arroubamentos, áqueles surtos novidadeiros, puramente verbais ou vanoloquios, de cujo mentiroso encanto muitas vocações imaturas

ou inexpertas, despressentidas do verdadeiro sentido do movimento reformista, recolheriam desastrosos bafejos. Vejo, em nitido debuxo, perspectivado no espelho retrovisor da memória, o surdo embate das duas correntes em que se dividiram no meu Estado natal os poetas ditos novíssimos. De um lado, os poetas fieis aos valores essenciais da versificação. De outro, felizmente menos numerosos, os poetas e poetizantes rendidos ao canto de sereia da "art-nouveau" que, a pretexto de desarestar a poesia, apenas a prosificaram em poemoides cheios de pequices e contravenções mediocres, por vezes desvernaculizadas, preenches de sensaboria e afetação. O ruído que se fez em torno da justa lhe conferiu magna importância. Não andaré com acerto quem disser que a corrente modernista, sob o céu rio-grandense, medrou em terreno fértil e produziu frutos opimos. Certo, teve dias de triunfo e momentos de consagração. Nenhum êxito importante, todavia, a sufragou. Transportandonos áquela quadra de subversão literária, cujas consequências em grande parte remanesceram,

podemos vislumbrar ao primeiro golpe de vista a posição de Alcêu Vamósi equidistante das duas facções, metido consigo mesmo. E' evidente que o grande lirista tinha que ser um dos ídolos da minha geração. Começamos a admirar, desde logo, a sua poesia empolgante para todos nós. Querendo-o ao extremo, já à beira da adolescência, foi inspirado no seu hinário que salmodiei os primeiros carmes e transpuz as sombras do ineditismo. Poeta suprasensível, cujo nome se redoira de ano para ano ao clarão imenso da própria glória, póde ser considerado sem nenhum exâgero uma das afirmações pinaculares da poesia brasileira em todos os tempos. Porque, na verdade, ele somou ao patrimônio literário do país uma obra admirável, quintessenciadamente bela e comunicável, raramente igualada entre nós e — o que é mais expressivo — dotada de selo próprio e inconfundível. A sua produção bardica, pequena do ponto de vista quantitativo, mas qualitativamente extraordinária, compõe-se de uma série cambiante e prismática de versos mimosos, que um mesmo fio de be-

leza e harmonia inestinguíveis encadeia com élos de ouro e que são, afinal, dos mais cintilantes já escritos no Brasil.

A sua atividade autoral como poeta interrompe-se em 1919 pela superveniência do agitaçãoismo político precursor da revolução. Limita-se, pois, ao curto prazo de seis anos. Mas como se acha cheia de surtos geniais! Ele tinha, realmente, parte com as Musas e versificava como só o conseguem os prediletos do Parnaso. Colocou-se como um dos mais talentosos líricos da sua época, entoando cânticos cuja delicadeza seria a tentação de toda uma pleiade de jovens devotos da poesia. O seu propósito, desde logo manifesto, de compreender a poesia em sua missão específica, a de criar enlevos, transcendências de espírito, emoções fecundas, amenidades, doçuras, ideais construtivos e deleites íntimos, leva-lo-ia à atitude, de que nunca abdicou, de librar-se nas azas aquilinas da inspiração, que o não desamparou jamais, às eminências da interiorização e do devaneio. Assim os seus livros "Flâmulas", "Na Terra virgem" e "Corôa de Sonho" são

receptáculos de lindíssimas imagens, em que a excelsificação do cotidianismo se sobressai com destacado relevo.

A quem quer que analise a obra vamo-siana, no que ela apresenta de mais característico, isto é, a espontaneidade, a candura, a singeleza e a contensão, não passará despercebido o sopro de comunicabilidade artística, melhor dito a insinuante brisa de emoção criadora que a insufla. Diante dela, ocorrer-nos-ão sempre estas palavras de Lamartine: "A poesia não é outra coisa senão um produto da exuberância do talento". Alcêu Vamósi foi um dos vultos mais notáveis do simbolismo no Brasil e pôde figurar sem desdouro ao lado de Cruz e Souza, o cisne negro, a quem dedicou o seu segundo livro. Poeta nato, a inspiração foi nele dom natural. Exerceu-a como se exercesse uma faculdade orgânica. Intrínseca seria, talvez, o qualificativo exato. E podemos dizer sem incorrer em demasia ou hiperbole que poetou tão naturalmente como respirou. Nenhuma intencionalidade, de feito, roteiou o seu estro. "Tel sur le papier qu'a la bouche" como dizia Montaigne.

Poeta por instinto, por temperamento e por natureza, tudo nele era emoção, era alma, era sentimento. Nasceu com o dom de fazer versos. Raras vezes há surgido um poeta como ele no cenário literário do Brasil. Guardemos essa verdade. Alcêu Vamósi não era de feitio para os abusos da imaginação e do sonho, conquanto a sua poesia nos pareça excessivamente subjetiva, desabrochando como flôr exótica num jardim imaterial de névoas e sombras crepusculares. A prova disso está em que não se fechou em nenhuma torre de marfim. Nele, entretanto, o idealismo inamoldável do poeta e o senso realista do homem jamais se completariam numa perfeita dualidade. Se a fantasia embriagava-o de uma esquisita voluptuosidade, à vida exterior não foi totalmente estranho e insensível. Há poetas para quem as realidades têm filões ocultos na sua essência íntima. Esses possuem uma como que intuição secreta dos mistérios que a elas correspondem. Alcêu Vamósi foi um deles. A sua luta com o terra-a-terra, de que tentava extrair motivos de deslumbramento interior, acabou por exaurir-lhe as espe-

ranças, depois de lhe exaurir a fé nos milagres da introversão. Poeta que primou pela sinceridade dos seus sentimentos, que teve em gráu eminente o senso ático da Beleza, que compreendeu a Arte como o suprasumo das emoções humanas, Alcêu Vamósi cumpriu um destino singular nos caminhos cruzados da poesia. Dele poderíamos dizer que, obediente ao "être soimême" de Stendhal, procurou a maneira mais íntima e pessoal de transformar em versos as impressões recolhidas. Como estéta e emotivo que era amou a vida não pela fascinação dos seus prazeres, mas pelo mundo de belezas irreveladas que dentro dela palpita. Em Pôrto Alegre, teve a sua época de patuscadas e rapazias. Com Dionélio Machado e Celestino Prunes durante semanas a fio frequentou as rodas alegres da cidade, espaiecendo o espírito precocemente melancolizado. É uma propensão singular a das almas concentradas pelas tramitações dentro da noite. Alcêu Vamósi, antes daquela fase de hibernações psicastênicas e mórbidas esquivações, que atravessou na rua da Ponte, viveu um longo período de perambulagens noturnas, passando

madrugadas inteiras sob as paineiras da praça da Harmonia ou junto aos ciprestes da Azenha. Ao se empreender a biografia de Alcêu Vamósi, tenha-se sempre presente que nunca verdadeiramente o fascinou a vida tumultuária. Ensimesmado, voltado para dentro de si mesmo, incapaz de sentir as simples captacões visuais e naturalmente propenso ao solitarismo nietscheano, seria sempre assim. Aí está porque nem as aléas da Várzea nem os cafés do Mercado lhe suprimiram a congênita inadantação da sensibilidade com o cotidianismo. É impossível compreender Alcêu Vamósi sem aquelas tardes quietas e frias, de silêncio e de tristeza, em que a sua alma viveu como delicada planta de estufa. Da mesma forma que se descaracteriza a poesia de Rodembach sem lagos tranquilos e cisnes cismarentos. E a música de Chopin sem os acordes pungentes dos "noturnos". E já que invocamos esses dois nomes, de ressonâncias universais, valhamo-nos da oportunidade para dizer que ambos estão bem vivos e reconhecíveis no "facies" sentimental do grande bardo. Aquela maravilhosa tecitura de imagens que dá aos versos de Rodembach

toda a atmosfera de um mundo encantado havia de refletir-se no mundo interior de Alcêu Vamósi, inspirando-lhe sonetos diluídos em sombras e névoas transcendentais. E quantos não o viram enleado nas teias de bruma e agonia tecidas pelo gênio de Vendôme! Chopin não lhe era simples fonte de emoções, mas uma necessidade íntima. Não lhe servia exclusivamente para nele refugiar-se, antes lhe valia como jardim sonoro.



Alcêu Vamósi nasceu na cidade de Uruguaiana em 14 de fevereiro de 1895, sendo filho de D. Maria de Freitas Vamósi e do Dr. Afonso Vamósi, poeta, jornalista e prosador de grandes recursos. Desde o verdor dos anos, manifesta o seu pendor poético e perpetra mal iniciado nos segredos do alfabeto os seus primeiros versos. Graças ao bibliofilismo do genitor, não tarda a familiarizar-se com os melhores poetas e prosadores do tempo. Não há exagero em dizer-se que à influência do pai não menos do que a de outros autores deveu Alcêu Vamósi o precoce desper-

tar para as cousas da sensibilidade e do intellecto. Prosador exímio, jornalista consumado, ele seria, entretanto, mais poeta do que outra qualquer cousa. O curioso na poesia do grande vate está em que, partindo de sentimentos e pensamentos absolutamente pessoais, continuou assim, distilando emoções profundamente sentidas, a ponto de quasi se poder dizer que não sofreu nenhuma influência despersonalizadora. Poder imagético, requintado subjetivismo e delicadíssima emotividade tais são, em resumo, as supremas qualidades de Alcêu Vamósi como poeta. Sua concepção da poesia era toda transcendente. Para ele o terra-a-terra, cheio de trivialismo e ouropel, nada poderia oferecer de sedutor. Faltou-lhe, como faltou a tantos decadistas de elite, o senso do cotidiano. Não há motivo nos versos de Alcêu Vamósi que não traduza os seus pendores instintivos que iam todos para a catarsis, para a tendência de superhumanizar as visões captadas, para a magnificação das impressões recolhidas. No seu perigeu, em momento algum cantou a vida pela vida. Encarando o mundo pelo ângulo de re-

fração daquela melancolia inata, de fundo psicastênico, que nunca o abandonou, aceitou a vida como um dever, sem esperança de felicidade autêntica, mas também sem revolta, quasi conformado talvez,

*Pues el delito mayor del hombre
es haber nacido.*

Auto-sugestionavel, erradio nos mistérios do próprio ser, provou menino ainda o travo amargo da dúvida sem remédio. A sua plaquete de estréia já sintomatizava aquele desconsolo sem lenitivo, as mais das vezes fluídico e esvanecente, como uma sombra crepuscular, que frequentemente se transfez em veladas queixas e lamentações, sequestrando-o da realidade ambiente e afundando-o num intimismo sutilizado em evanescências, surdinas e remotitudes. É nessa plaquete que encontramos esta quadra pungentíssima e cortante:

*Que triste deve ser morrer-se nesta idade,
soltar o último alento a um sol assim vi-
[brante,
sentir-se a primavera a vir na claridade,
do dia e estar-se enfermo, estar-se agoni-
[zante!*

Não cremos que Alcêu Vanósi tivesse amado de verdade a expressão direta. Nenhum simbolista, talvez, terá tirado do símbolo tanta substância plásmica como ele. Não sem razão, aliás, já se disse que cada verso seu é um convite à abstração. Com Alcêu Vamósi, de fato, não se está diante de um lírico comum, mas de um ultra-lírico e de um ultra-idealista único que parece ter encontrado nos penetrais reconditos da própria interioridade tudo o que aspirou de melhor. Retrata-o Mansueto Bernardi como “de meia estatura, magro, nervoso e ligeiramente curvo”. De Sousa Junior diz ter sido enxuto de carnes, rosto encovado, face macerada, curvo e flexível como um junco. Waldemar de Vasconcelos e Atila Guterres Casses que o conheceram de perto corroboram esses depoimentos. Ma-

noelito de Ornelas descreve-o assim: “Testa ampla, começando o cabelo espesso e ondulado depois da curva da fronte. Olhos grandes e profundos. O busto, meio inclinado, cooperava para a impressão de que as pernas eram compridas demais para seu corpo. Era pálido e alérgico”. Dir-se-ia vergado sob o peso da própria tristeza ou propositadamente debruçado sobre si mesmo, numa atitude de auto-contemplação. A existência foi-lhe, realmente, pesada carga. Quem procurasse nos seus versos um sentimento de verdadeira satisfação dionisiaca certamente que o não acharia. Triste e espiritualmente enfermo, ele dedilhou em insolitas modulações a sua lira policórdica. A tristeza foi a sua grande inspiradora. A minúcia das coisas boas e belas o seu tema favorito. É muito significativo o fato de haver surgido em páginas entrecortadas de inocultáveis pressentimentos. Assombra ao primeiro exame o entono desalentador da maioria dos seus versos e em particular a entonação francamente lugubre, como um responso de finados, de alguns deles:

*Hei de ascender, subir, levando sobre os óm-
[bros,
entre pragas, blasfêmias, gemidos e assom-
[bros,
a eterna cruz pesada e negra do meu Sonho!*

Isso escreveu ele no limiar da juventude, como que sentindo sobre a sua cabeça em febre o pássaro da fatalidade que nunca deixou de corvejar em torno dos seus passos. A falta de sincronização com o verismo circunvolvente sobrepõe-se em Alcêu Vamósi a todas as captações poéticas. Diante do mundo ele foi o espectador frio, fechado dentro de si mesmo, numa egofilia singular. E passou por entre os seres e as cousas materiais como um peregrino sem rumo, perdido dentro do próprio sonho inatingido, a que se agarrava desesperadamente como um naufrago a uma táboa de salvação. Os seus versos exalam emanções perturbadoras como aquelas flores de estranha formosura, cujo perfume letal atrai irresistivelmente. Há em alguns deles paradoxos à primeira vista inexplicáveis, como,

entre outros, o divórcio entre o leit-motiv e a realização. Esses paradoxos eram, entretanto, de molde a satisfazer a alma paradoxal do grande citaredo, disposto sempre a não aceitar as realidades contingentes sem prévia depuração sensorial. Saturado de sentimentalismo e impressionabilidade, teria que alterá-las a seu jeito. Recordo-me de haver entabulado relações espirituais com Alcêu Vamósi através de um soneto impregnado de tédio e desesperança, mas de feitura serena, quasi formística. Toda a sua obra, de resto, está cheia de contradições, denunciadoras de conflitos íntimos. Todos os versos de Alcêu Vamósi são reflexos de sua alma melindravel, de alta tensão receptiva e facilmente impressionável. Nada há neles, pois, de falso ou impessoal. Ao acabar de ler o último soneto de "Corôa de Sonho", tudo o que se nos afigurava incompreensível no plectro vamosiano ficará compreendido. O misto de crença e descrença que ali reina é perfeitamente lógico. O sonhador e o desiludido que se reuniam em Alcêu Vamósi exteriorizaram-se multiformente, em

impulsos não raro desenhados. Eis porque lhe surgem nos versos confidências como as que fez desabafadamente, em relação aos múltiplos corações que julgava possuir:

*Tenho-os feitos de luz de um sol risonho,
ou de uma noite tenebrosa e densa,
desde o doirado coração do sonho
ao coração lutuoso da descrença.*

Publicando em Alegrete os seus sonetos de estréia, isso pelo ano de 1913, Alcêu Vamósi em setembro de 1914 dava à impressão, na mesma cidade, o seu segundo livro, intitulado "Na Terra-virgem" e dedicado ao grande Cruz e Sousa. Embarca em seguida para Porto Alegre, onde é recebido como um triunfador pelos corifeus da chamada novíssima geração. Na capital permanece até fins de 1915, como tradutor de telegramas d'"O Diário" e colaborando assiduamente n'"A Federação". Em 1916 rumo para Sant'Ana do Livramento, regressando em 1918 à metrópo-

le rio-grandense, onde passa a escrever na "Mascara" e na "Notícia", revistas de grande projeção literária na época. Em 1918, ainda, volta à urbs fronteiriça e lá adquire "O Republicano", jornal situacionista ao qual sem demora vota o melhor do seu esforço. É na direção desse órgão de combate que o encontra em 1923 o irrompimento da revolução. Conscio dos seus compromissos partidários, não vacila. Desempunha a pena e alista-se nas forças legais, na desobriga espontânea de um dever de honra, naquela hora aguda em que, reaberta a vertente de arraigados antagonismos políticos, a estabilidade do governo estava a exigir atitudes definidas na ordem suprema das determinações positivas. Por outra parte a sua devoção ao borgismo, autenticada por largos anos de jornalismo militante, impunha-lhe a obrigação de compartilhar do perigo, aceitando a sua quota de sacrifício na distribuição das agruras previstas. Incorporado, marchou para o "front" movel da campanha, não tardando a receber o seu batismo de fogo. Nos combates de Santa Maria Chica e Ibirapuitã porta-se bravamente,

praticando mesmo atos de verdadeiro heroísmo que muito o recomendam ao julgamento imparcial da História. No entrevero de Ponche Verde um balaço atinge-lhe o pulmão, prostrando-o mortalmente ferido. Socorrido por alguns companheiros, foi conduzido a uma venda próxima, recebendo aí um tratamento de urgência. Levado depois para o hospital da Cruz Vermelha em Sant'Ana, nele expirou no dia 13 de setembro, às 8 1/2 da manhã, tendo à cabeceira, tal como idealizara, a mãe e a noiva irmanadas no mesmo transe. Para um poeta que viveu liricamente não se poderia conceber de senlace mais lírico. Poeta, ele foi o soldado da Beleza. Soldado, ele foi o poeta da bravura. Bemaventurado das musas, sublimou a alma em doce recolhimento. Combatente, imolou o corpo em sublime holocausto. "Corôa de Sonho" é o título sugestivo da coletânea de versos de Alcêu Vamósi publicada em 1925 graças aos empenhos de Mansueto Bernardi que a prefaciou em termos de ardente e desmedida admiração. Sonhador, ele só ambicionou o reinado da poesia, a corôa dos sonhos que so-

nhou. Divide-se em três partes: Jardim Noturno, Sonho de Estação Morta e Corôa de Sonho, a primeira consagrada a Eduardo Guimarães e Mansueto Bernardi, a segunda "à alma divinamente triste de Chopin" e a terceira a João Pinto da Silva, o autor daquela "História literária do Rio Grande do Sul" que quasi o esqueceu. Dentre os seus sonetos, destaca-se o intitulado "Duas Almas". É um primor em idéia e em forma. Publicado em primeira mão pela revista "Fon-Fon" em dezembro de 1914, a 5 de janeiro de 1915 o "Jornal de Notícias" da Baía o transcrevia "ipsis-literis", atribuindo-o ao padre Evaristo de Paula.

O plágio suscitou para logo estridorosa celeuma, soando em torno do obscuro poeta provinciano um vasto rumor de admiração. Em Pôrto Alegre, Isolino Leal, o sensibílimo artífice de "Alma simples", pelas colunas do "O Diário", profligou acerbamente o gesto inaudito do sacerdote plagiário e encetou uma campanha no sentido de tornar conhecido, como merecia, o legítimo burilador do paradigmático e aureolado soneto, em bôa hora

musicado pelo insigne maestro J. Otaviano Gonçalves e já hoje um dos mais belos que se conhecem em língua portuguesa. Concedam-me o prazer de recitá-lo:

*Oh! tu que vens de longe, oh! tu que vens can-
[çada,
entra e sob o meu teto encontrarás carinho.
Eu nunca fui amado e vivo tão sozinho,
vives sozinha sempre e nunca foste amada!*

*A neve anda a branquear lividamente a es-
[trada,
e a minha alcova tem a tepidez de um ninho.
Entra ao menos até que as curvas do caminho
se banhem no esplendor nascente da alvo-
[rada*

*E amanhã quando a luz do sol doirar radiosa
essa estrada sem fim, deserta, imensa e nua,
pódes partir de novo, oh! nômade formosa!*

*Já não serei tão só, nem irás tão sozinha
Há de ficar comigo uma saudade tua,
hás de levar contigo uma saudade minha!*

Esses quatorze versos que acabais de ouvir constituem, do ponto de vista melódico, algo de excepcional, embora o seu autor tenha tido, como notou Waldemar de Vasconcelos, um profundo senso musical das palavras. Dir-se-ia dotado realmente daquele discernimento tão visível em Litz, o criador dos chamados "poemas sinfônicos": o discernimento dos timbres e dos ritmos. A musicalidade inerente aos timbrados versos de Alcêu Vamósi não é, entretanto, produto de nenhum jogo inteligente de sons preconcebidamente escolhidos. É natural. É espontânea. É desartificial. Deflue das palavras como a linfa cantante brota do veio oculto. Aliás, a sensibilidade do grande esteta desabrochando em estrofes é irmã da sensibilidade da natureza produzindo flores. Kant escreveu que o Belo em si-mesmo, isto é, o Belo puro, é universal. A poesia, porém, não é uma espécie de esperanto dos poetas. É um idioma que cada poeta fala a seu modo. O meio exerce, é certo, como o reconheceu Taine, grande influência sobre a arte. Mas o elemento pessoal é sempre o mais decisivo em qualquer obra artística.

ca e por mais que ela reflita o "entourage", tal como no caso de Fídias, Ticiano e Velasquez, terá sempre a marca do artista, se este o for verdadeiramente. Alcêu Vamósi como poeta abjurou o tempo e o espaço, permitindo a sua alma impressionabilíssima e vibratil, como escreveu De Sousa Junior, uma altive-lência pouco comum e uma subjetividade frequentemente expressa em versos como estes, compactos de substância emocional e tensos de significação simbólica:

*Aos teus claros vergéis hei de guiar os meus
[passos,
e a ti hei de doar, Terra abençoada e calma,
toda a força imortal que existe nos meus bra-
[ços
e a torrente de amor que irrompe da minha
alma!*

Os vergéis referidos nessa quadra não existiriam senão em sua mente idealizadora. Seriam os vergéis da paz, da justiça, da bondade, da fé e do amor pelos quais tanto suspirou e sofreu! É muito raro, de resto, encon-

trar nos versos de Alcêu Vamósi referências absolutamente objetivas. Quando ele pergunta, por exemplo:

*Que desejas de mim, oh! morta sempre viva,
que teceste uma corôa de saudade
para martirizar a fronte do meu sonho?*

nada mais faz do que patentear, figuradamente, a sua incapacidade de refugir ao espectro da dúvida e à sombra presaga do desalento. O poeta que hoje celebramos não era um expansivo. Ao revez disto, sabemos bem quanto era esquivo e introvertido. Mesmo entre os íntimos, ninguém foi mais avaro de expansões e desabafos. Talvez por isto a poesia foi-lhe a suprema confidente. Exerceu-a, assim, com sinceridade, todo coração. Nenhum poeta teve pela poesia maior culto e mais sincera devoção. Não sei mesmo de quem entre os poetas brasileiros poderá levar-lhe as lampas no tocante à desestima às formas concretas que Goethe, no magnífico prólogo de

Fausto, traduziu em frases lapidares. Aquele lindo verso de Shakespere:

O próprio sonho não é senão uma sombra.

que Alcêu Vamósi esculpiu no ante-rosto de "Corôa de Sonho" bem poderia ter sido escrito por ele próprio, alma inquieta e contemplativa que, indefinindo-se, atravessou a vida sob o nume e proteção das Musas. Nas horas de introspectivismo ou de comunicação sensorial com os intermúndios da quimera, ele as invocava, alcandorando-se às supremas alturas da linguagem poética. Quantas sugestões requeimam daquele soneto magistral, em que pede que o anjo do esquecimento desça sobre a sua alma cheia de abandono, porque quer sonhar um grande sonho que não acabe nunca! A emotividade do poeta está bem patente no soneto "Sol de outono", o mais belo talvez do livro "Na Terra-virgem", onde se encontra, tendo por epígrafe um verso de Moraes. Ouçamo-lo:

Oh! tristes sóis de outono! oh! moribundos
[sóis!

*cheios de palidez, de amargura e de sono,
feitos para coroar frentes mortas de heróis
e de artistas sem pão que vivem no abandono!*

*Só tu meu velho Sól, meu Sól amado, sóis
as almas sem afeto e os corações sem dono
fazer vibrar no amor e florir nos escóis
dos sentimentos bons, glorioso sol de outono!*

*Dos teus raios de luz doirada e merencórea,
que encham de claridade o fundo do meu ser,
quando de mim se afasta a estrela da vitória,*

*é que me vem, oh! sol, este anseio de crer,
na piedade e no amor, no futuro e na glória
de lutar, de subir, de amar e de vencer!*

É quasi desnecessário salientar que essa peça primorosa, escrita aos 19 anos, não pode ser entendida ao pé da letra. A imagem, aliás,

constitúe na poesia enleiante de Alcêu Vamósi o traço preexcelente. Foi ele um grande arquiteto de comparações e metáforas, cuja leitura nos deixa o espírito suspenso. A lua para ele é a “saudade que o sol deixa na alma do espaço”. Lustres apagados afiguram-se-lhe “almas de cristal que perderam a voz”. Folhas murchas caindo sugerem-lhe um “imenso soluço verde de agonia”. Definiu a tarde como a “eterna moribunda” e o “outono do céu”. Os seus versos transbordam a cada passo imagens de incomparável beleza. Eis algumas, colhidas ao acaso, entre outras que poderiam também documentar a força imaginativa desse extraordinário musicador e instrumentista das palavras:

*Chora o orvalho da luz sobre a rosa do dia.
As camélias sem sangue agonizam de frio.
A tarde vai morrer calma como uma santa.
Choram entre o arvoredos os violinos do vento.
Tristeza, o arcanjo bom que tem gestos de
[palma.*

Agora, este terceto delicado:

*Sobre o cabelo de ouro da alameda
sonolenta de maio e de fim de dia,
a tarde põe as tristes mãos de seda!*

Ouvi esta quadra:

*... O teu amor parece
que feito deve ser de magnólias e luas.
Amor espiritual, casto como uma prece,
de uma pureza ideal de alvas toalhas de alta-
[res!*

Estes versos se emparelham com os melhores da língua:

*As tuas mãos, Miréia, são tão finas
tão pálidas, tão longas e tão sedosas,
que até parecem feitas de neblinas
e da agonia do luar nas rosas!*

Veja-se esta gema bela como as que mais
o forem:

Este amor — mais que amor — e s t e divino
[culto
(porque amor é esperança e não tenho ne-
[nhuma!]
viverá dentro em mim perpetuamente oculto
como um sol a esplender dentro de um véu de
[bruma!

Que magia suavíssima se evola destes
versos:

Nos meus versos que são dolentes e profun-
[dos,
gestos de adeus, tristes e vagos,
há a calada expressão de cisnes moribundos,
sob o beijo da tarde, à flor azul dos lagos!

Ouvi estoutros:

E eu sonho que hás de vir. Sonho que um dia,
mais ardente e mais bela do que eras,
virás encher de graça e de harmonia
o meu jardim de tristíssimas quimeras!!

Eis este delicado flagrante emocional:

E enquanto lá por fora o céu como uma al-
[fombra
se estende, só, na sala onde esquecida sonha,
ela se deixa estar, dando a impressão tristo-
[nha
de um grande cisne d o e n t e a agonizar na
[sombra!

Vêde este sussurrante protesto de amor:

Antes não te encontrasse no caminho,
se era para que assim fosses embora,
e eu me ficasse a agonizar sozinho!

Como alguém que tem sede e morre ouvindo
e vendo a água cantar, frêscas e sonora,
junto de si... cantando e lhe fugindo...

E, finalmente, para não ir mais longe:

*Geme dentro de mim a divina tristeza
de estar só,
sentindo o coração
como uma velha urna onde dormisse em pó
todo um Sonho de amor e de beleza!*

Extremamente sentimentalista e apaixonado, Alcêu Vamósi como poeta fez vibrar em estranhas notas o seu claviário e compoz uma individualidade toda feita de insatisfação e tortura íntima. A vigorosa impressionabilidade, aliava o gosto equilibrado; ao visualismo estético, juntava a inspiração acrisolada, sinceríssima, altiloquente, profunda, expungida de artifícios e prolifera em ascendências que se colocam muito acima do vulgar.

A impressão que os seus versos deixam no leitor é tão forte e persistente que muito dificilmente ele os conseguirá esquecer, pois essencializam a própria poesia.

Ouçamos esta peça de rara rutilância, no labor e no sentimento, que dificilmente encontrará similar na literatura brasileira:

*Neste enterro de sol dolente e mesto,
os olhos tristes volto a ti, que trazes
nas harmonias clássicas do gesto
um perfume cinzento de lilazes!*

*Pelo estranho prestígio que te empresto,
para que assim, de longe, inda me abrazes,
vens num resto de tarde, como um resto
de sonho, envolta em músicas e gazes!*

*O teu vulto de brumas e de sedas,
o coração da tarde todo ensalma,
num simples gesto que tu lhe concedas.*

*E eu te assisto passar, gloriosa e calma,
na sombra de ouro e azul das alamedas
que os loureiros do Sonho me abrem n'alma!*

Intitula-se "No Parque de Gabriel Voland" e foi dedicado a Cezar de Castro. Quaisquer que tenham sido as influências por ele sofridas conferiu aos seus versos um forte colorido personalista. Não há dúvida de que foi um poeta visceralmente singular. Os seus

dotes excepcionais de lirista não alcançaram o desenvolvimento total que teria feito dele, talvez, o maior nome da poesia nacional. Não obstante, no curto prazo de 28 fevereiros, modelou poemas que ficarão para sempre. Muito mais importante do que alcançar sucesso, era para Alcêu Vamósi o conseguimento de formas de expressão adaptáveis ao que possuía de mais intrínseco nos refolhos da sensibilidade elevada ao sumo grau. Tinha a poesia em grande conta. Por isso pôde exclaimar:

*Ela que há de te guiar e quem há de iniciar-te
na vida do mistério e das consagrações
Sofre e faz da tua mágua um grande Sonho
[de arte,
igual ao de Petrarca, igual ao de Camões!*

A poesia vamosiana revela, em muitos pontos, um senso artístico ao qual não posso deixar de referir-me e que se encontra traduzido em diversas estrofes de forma admirável. O autor de "Corôa de Sonho" era, de

fato, um artista no mais amplo e justo sentido da palavra. Falando a um devoto das Musas, ele diz:

*Não tens lume nem pão? Morre de frio e
[fome,
legando como herança à inveja, à humani-
[dade
a cinza do teu corpo e a glória do teu nome!*

Num belo soneto, versando o mesmo tema, conclue nestes tercetos modelares pelo

que neles lateja de nimiamente emotivo:

*Que te importa? Se um dia a tua alma de ar-
[tista*

*há de cantar gloriosa os hinos da conquista
sobre o mundo vencido, esta aluvião de entu-
[lho!*

*Os fariseus virão beijar-te os pés, contritos,
e tu hás de os contemplar, tendo no rosto um*
[rictus
todo de ódio infinito e de infinito orgulho!

Não cabe infelizmente nesta rápida conferência a oportunidade de um estudo, ainda que sucinto, de todos os aspectos da obra e da personalidade inconfundíveis de Alcêu Vamósi, poeta de grandes ansiedades, que é merecidamente considerado, pela sua extraordinária inspiração, um dos mais notáveis da literatura brasileira. Vale notar que a espontaneidade foi nele suprema mercê e soberano dom, tão bem expresso em versos do quilate de "Duas Almas" e "Sol de outono". Já escrevi que Alcêu Vamósi não dava tentos ao preciosismo e desadorava os artifícios, tendo se incompatibilizado, desde logo, com o novismo e suas múltiplas manifestações. Toda a sua poesia derivou da sua pletora lírica assim de dote natural quanto opulenta de excelências que traduziu a primor, liberalizando a sua vibratibilidade estética em magnificências

e resplendores, dos quais se desatam envolvedores encantamentos. A morte o arrebatou em 1923, quando, na soleira do seu amadurecimento artístico e no pleno meio-dia da sua ascensão solar, apenas amanhecia para as supremas escaladas da poesia. O Rio Grande do Sul póde orgulhar-se de ter dado às letras pátrias um lírico como Alcêu Vamósi que o voto unânime da crítica considera figura culminante. Quanto mais conhecemos a obra de Alcêu Vamósi mais a admiramos. E hoje que o seu vulto imortal de príncipe da rima e idealista logra o prêmio desta hora evocativa, e também celebrativa, que tão harmoniosamente concerta com os altos designios da Federação das Academias de Letras do Brasil, é justo que lhe ofereçamos o incenso da nossa mais pura e comovida admiração. Tinha ele o dom da Beleza e o sentimento da Estesia. Nos seus versos magistralmente osquestrados, apoiantes de ressonâncias catedralêscas, vibra e vibrará perenemente a ritmicidade essencial da Arte, que, sublimando a Vida, salva o Mundo como disse Dostoiewsky.

ALCÊU VAMÓSI

Estamos convencidos de que se não precisa envergar a indumentária lantejoulada das Academias de Letras para em bronze, granito ou mármore sermos um símbolo estatualizado em praça pública, ou nos refulhos da alma sincera e nobre de uma raça. Não. Não se carece de tantos penduricalhos: basta somente possuir talento, desassombro e cultura. Eis um exemplo: acabamos de receber, com expressiva dedicatória, o livro intitulado "Estudo sobre Alcêu Vamósi", brilhante lucubração da pena do nosso conterrâneo sr. Antônio Carlos Machado, de há muito ausente desta terra, residindo na Capital da República. Como vemos, o patricio santiaguense não esqueceu ainda as velhas amizades que dei-

xou em seu berço nativo e menos as figuras de projeção vibrante do Rio Grande do Sul, cujos nomes já penetraram no Panteon da Glória.

Pela leitura, embora apressada, que fizemos do belo volume que temos em mão, destacamos de vez as qualidades de crítico sutil e arguto que ornamentam a personalidade invulgar do excelso beletриста gaúcho.

Diversos ensaios de escritores de renome temos compulsado e lido atentamente, todos alusivos ao poeta e soldado Alcêu Vamósi, porém nenhum deles nos deu a impressão suscitada pelo interessante e polido trabalho em apreço.

Aliás, já é tempo de se perpetuar de forma inapagável a memória de um dos mais inspirados aedos da sua geração, senão uma das mais formosas ressonâncias da poesia brasileira entre nós.

E tanto se justifica essa afirmativa quanto é certo que, para comemorar o cincoentenário do nascimento do lírico de "Duas Al-

mas" em 1945, já se preparam em Uruguaiana, solo natal do poeta, significativas homenagens.

A propósito, como estamos escrevendo acerca do imaginoso bardo, envoltos na sugestão gratíssima da leitura do livro do sr. Antônio Carlos Machado, é oportuno recordar que, nesta cidade, existem varões que tomaram parte ativa no episódio revolucionário de 23, em Poncho Verde, onde infelizmente tombou guerrilhando o consagrado amigo das Musas.

Como se sabe, o combate desenrolou-se na planura verdejante daquele sítio predestinado a todos os entrechoques revolucionários da querência e terminou num "fim de dia outonal, tristonho e doloroso" para empregarmos a mesma melancolia do infortunado sonhador.

O combate durou longas horas de incessante fuzilaria de ambos os contendores, sendo considerado um dos mais renhidos e impetuosos daquela sanguinolenta campanha.

Alcêu Vamósi, que militava nas forças comandadas pelo Coronel Sinhô Cunha, em cujos

fileiras defendia a flâmula republicana com a graduação de alferes, sempre se conduziu como um bravo, na expressão lídima do vocábulo.

Não com essa bravura espetacular a Flores da Cunha e Batista Luzardo, mas com aquela intrepidez natural, serena, que é o apanágio dos intelectuais de ação firme e consciente.

Comenta-se ainda que a vitória, em dado instante, parecia sorrir à força governista, precisamente quando Honório Lemes, num lance de estratégia fez recuar suas hostes, simulando fraqueza. Foi então que, aproveitando-se da circunstância do momento, as forças governistas retomaram vigorosa ofensiva, estabelecendo-se em vários pontos da extensa linha de batalha entreveros de corpo-a-corpo.

Nesse fragor da peleja, o "Batalhão Vasco Alves", composto em sua mór parte de elementos da cidade de Alegrete, aprisionou o alferes Alcêu Vamósi, recentemente ferido. Em

seguida, recolhido a uma casa nas "Três Vendas", foi o poeta rodeado de todas as garantias e dali transportado, por senda uruguaia, até Santana do Livramento.

Lá, após a chegada, publicou o poeta no jornal "O Republicano", editado na mesma cidade, talvez a sua última página em prosa, um longo agradecimento, manifestando vivamente a maneira fidalga e carinhosa como foi confortado pelos adversários naquele transe lamentável de sofrimento.

Quando o poeta foi recolhido à casa das "Três Vendas" estava extremamente transfigurado pela emoção do momento e com aquela voz ciciada que todos os seus íntimos conheceram respondia as considerações do interlocutor:

— Que coisa dolorosa, Vamósi! Quem imaginaria que depois de tantos anos de ininterrupta convivência em Porto Alegre havíamos de nos topar em campo aberto, opostos, numa pugna de vida ou de morte entre irmãos?

— *Que queres, estou defendendo o meu ponto de vista...*

Estas linhas representam apenas humilde complemento de uma tradição oral e mais um subsidio à história do imortal cantor de "Corôa de Sonho".

FILINTO CHARÃO.

*"Vida Rural e Economica", de Porto Alegre,
Agosto de 1943.*

IMPRIMIU

Gráfica **MARAJÓ** Ltda

RUA EVARISTO DA VEIGA, 75

RIO DE JANEIRO